

**ESPAÇO ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONCEPÇÕES E POSSIBILIDADES**

***SCHOOL SPACE AND DEVELOPMENT IN CHILDHOOD EDUCATION:
CONCEPTIONS AND POSSIBILITIES***

Eduarda de Cássia Gimenes Leão¹

Flavia Fernanda da Costa de Oliveira²

Nathalia S. Ribeiro de Almeida³

RESUMO

O presente estudo procura investigar as relações dos espaços escolares com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil tendo como finalidade a discussão sobre as possibilidades de seus efeitos sobre esse desenvolvimento e as concepções dos docentes acerca delas. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada mediante estudo bibliográfico das teorias correlacionadas considerando como principal referencial teórico as obras de Maria Montessori (1987), e pesquisa de campo realizada através de coleta de dados por meio de entrevistas gravadas e semiestruturadas. O universo de pesquisa selecionado circunscreve as vivências de professores efetivos da rede municipal da cidade de Bebedouro, no interior do Estado de São Paulo, que exercem suas funções na etapa da educação infantil. Das análises realizadas, observou-se que os espaços escolares constituídos no contexto da educação infantil podem gerar efeitos importantes acerca do desenvolvimento da criança dessa faixa etária, especialmente em razão das características de aprendizagem que contemplam a criança nesse momento. Os relatos coletados indicam que há uma preocupação com a organização e preparo do ambiente infantil de aprendizagem em grande parte das situações de planejamento, entretanto, em certos momentos, sem a devida e necessária intencionalidade pedagógica no sentido

¹ Graduada em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP,. E-mail: eduardagimenes_leao@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP,. E-mail: flaviafernanda1047@hotmail.com

³ Professora Mestre no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: nsuppino@gmail.com

de sua promoção como fator que compõe a aprendizagem. Tendo em vista o arcabouço teórico investigado e os dados analisados, considera-se fundamental, portanto, que os espaços sejam concebidos como fator de relevante contribuição nos processos de ensino e aprendizagem e, como tal, tornem-se parte dos elementos de abordagem curricular e pedagógica pelos docentes nas instituições escolares de educação infantil.

Palavras-chave: Espaço escolar, Educação infantil, Desenvolvimento infantil, Professor.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo investigar a influência do espaço físico no desenvolvimento e aprendizagem das crianças no contexto da educação infantil, visando a concepção de criança e de espaço segundo os estudos de Maria Montessori. O estudo parte da discussão sobre o processo histórico da educação infantil, seguindo com a análise sobre os efeitos da organização do espaço e a intencionalidade pedagógica no intuito de promover as potencialidades dos alunos.

É importante compreender que a educação infantil e a criança atravessam um processo de evolução que se modificou ao longo das décadas. Em períodos remotos, a criança era vista como um adulto em miniatura, ou seja, pouca ou nenhuma atenção era conferida às suas características peculiares, aos elementos que permeiam suas infâncias perfazendo-as como tal. Diante disso, não se via estratégias educativas ou formativas vertidas para o desenvolvimento infantil, haja vista que, nesse contexto, não havia diferenças relevantes entre elas e os adultos, que merecessem tratamento específico ou adequado (ARIÈS, 1986).

Com a evolução histórica dessas concepções, as crianças começaram a ganhar atenções e, com isso, surgiu a constatação de que compreendem aspectos específicos de sua faixa etária que demandam cuidados que atendam às suas necessidades que, por sua vez, são diferentes das necessidades dos adultos. Essa nova perspectiva sobre a infância e a criança avança no mesmo momento em que o cenário econômico e social planetário se transforma rumo à consolidação do modelo capitalista que exigiu da população uma maior dedicação para o trabalho, não só no que diz respeito à quantidade de trabalhadores, mas ao aumento da própria jornada de trabalho. Tendo em vista esse contexto em que as famílias passaram a permanecer

grande parte de seu tempo dedicadas ao trabalho, a instituição de educação infantil surge como um espaço de assistência às necessidades familiares sobre os cuidados e estadia das crianças (ARIÈS, 1986).

Essa articulação histórica trouxe para o campo da construção espacial escolar, características arraigadas no assistencialismo que circundava as vivências escolares das crianças como o principal aspecto a ser atendido, pois nesse momento, o centro do processo educativo não era a criança e sim, as necessidades da família. A educação era, portanto, uma decorrência da assistência prestada às famílias prestada para que essas pudessem trilhar sua jornada de trabalho enquanto suas crianças permaneciam seguras e cuidadas em uma instituição criada para isso.

Apesar do histórico eminentemente assistencialista que permeia a realidade inicial da construção dos espaços escolares na educação infantil, hodiernamente, a criança é considerada como um ser com direitos (inclusive à educação) e de grande relevância na sociedade. É essa concepção que tem orientado a consolidação dos espaços de educação infantil na atualidade, de modo que, a partir dessa constatação, a creche passa a ser um ambiente que associa o educar e o cuidar tendo como foco central a criança e não mais a assistência familiar.

É importante destacar que a primeira infância é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois é nesse momento que se iniciam as possibilidades de conhecimento do mundo que a cerca através da articulação de experiências que já possuem, que vão vivenciar e do ambiente que ela está inserida. Há diversos fatores que influenciam a formação integral da criança, sendo um deles, o espaço físico destinado às suas vivências escolares. O espaço físico escolar pode ser considerado como um dos elementos essenciais ao desenvolvimento da criança na etapa da educação infantil, pois é por meio dele que será incrementada sua autonomia e protagonismo através da liberdade de movimentos, exploração, interação, entre outros. (DELCHIARO et al., 2017)

O planejamento espacial deve, portanto, ser propício para que a criança seja desafiada em seus aspectos cognitivos, sociais e motores, aprimorando o processo de ensino-aprendizagem de forma a torna-lo múltiplo e completo. São as ações intencionalmente planejadas para o desenvolvimento infantil que tornam seu processo de escolarização apto a promover aptidões como o autoconhecimento, o crescimento pessoal, sentimentos de (auto)confiança e a socialização (CARVALHO, 2001).

1. RELAÇÃO CRIANÇA-ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ambiente físico encadeado com a educação infantil, permite que a criança estabeleça uma relação direta com o meio em que ela está inserida, o vínculo criança-espaço promove uma suscitação da consciência de si e de suas habilidades, tornando-se seres autônomos.

Compreender que os espaços escolares vão além da sala de aula é essencial, pois as vivências da criança na escola não se limitam a somente um ambiente. De fato, muitas das atividades se passam no interior da sala de aula, entretanto, muitas outras podem ocorrer em outros locais como pátios, quadras, parques, tanques de areia, campos abertos, jardins, entre outros. Note-se que o ambiente físico revela a proposta pedagógica da escola e varia de acordo com os pressupostos dessa proposta. Kowaltowski et al. (2012) salienta que:

[...] os ambientes de aprendizado sejam associados às metodologias de ensino, que pressupõem flexibilidade de uso dos espaços e presença de maior variedade de configurações. Desta forma a escola não é mais composta apenas de salas de aula, mas inclui espaços para estudos individuais e em grupo, laboratórios de ciências e artes; salas de música e teatro; sala de ginástica e espaços para convívio e alimentação humanizados.

A escola é o local em que as crianças e jovens passam grande parte do seu tempo, por isso é primordial que os seus espaços sejam elaborados para desenvolver a qualificação de sua aprendizagem a partir da inserção de elementos que acolham e tragam sentido para o processo de escolarização atravessado por cada um. Compreender o espaço físico escolar para além de suas dimensões geométricas e estéticas é, portanto, entendê-lo como componente de um processo de formação importante no desenvolvimento cognitivo, motor e social da criança.

Tendo isso em vista, os espaços escolares não seguem um ritual de composição e organização fixo e pré-determinado, pois como demanda do próprio processo de ensino e aprendizagem ocorrido na escola, é necessário que esteja em constante transformação, adequando-se às necessidades e realidade das crianças de cada momento. Acerca do assunto, Gonzalez-Mena (2015, p. 185) observa que “deve-se planejar o que vai no ambiente e combinar essas ideias com as necessidades, os

níveis de desenvolvimento e os interesses das crianças” como forma de se promover interações, aprendizagens e bem-estar a todos da comunidade escolar.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) a criança é profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve e também gera efeitos sobre ele, constroem conhecimentos a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o espaço em que vivem e articulam suas práticas sociais. A criança é, portanto, um ser ativo e social e tem na sua capacidade interacionista, um grande marco para o seu pleno desenvolvimento.

Para Maria Montessori (1965), o modelo tradicionalista de educação trouxe sérios prejuízos à prática do protagonismo infantil nos processos de escolarização, pois no contexto desse modelo, a centralidade da educação se conserva na figura do educador e não na da criança. Tal constatação tem como efeito prático a permanência da criança em uma condição de apatia que a mantém como mera expectadora do conhecimento entregue como verdade absoluta e inquestionável, cabendo apenas sua pura e simples memorização. Consequentemente, muitas das demais demandas infantis, mais especificamente aquelas que vão além da exclusiva apropriação de conteúdos, deixam de ser atendidas.

De acordo com os estudos de Montessori (1965), o desenvolvimento infantil ocorre a partir da articulação entre interação e superação ocorrida no cerne das vivências infantis, ou seja, se dá à medida que a criança interage (tanto com o outro quanto com o meio em que vive) e se torna capaz de compreender e superar suas próprias dificuldades a seu tempo. Essa dinâmica é concebida, na teoria montessoriana, como princípio da autoeducação, um dos princípios que orienta o desenvolvimento infantil.

O princípio da autoeducação conduz à compreensão de que a criança não se trata de um ser incompleto ou um pretendente à fase adulta, mas sim de um ser integral, condutor do seu próprio aprendizado. Por conta disso, faz-se necessário oportunizar a ela, múltiplas situações de aprendizagem, de fruição, expressão e experimentação sem que haja, necessariamente, a intervenção dirigida do adulto (não que esta modalidade de intervenção não seja importante). Isso significa destacar que, no campo do processo de escolarização, que tem o professor como responsável direto, a atuação pedagógica deve cercar-se de um caráter essencialmente mediador e observador que se concentre em proporcionar a oportunidade da aprendizagem e não exclusivamente um conjunto de conteúdos para serem memorizados. Sob esse

aspecto, os conteúdos, como elementos de extrema importância que são, deixam de compor a mera memorização pela criança, para serem parte do arcabouço que presta suporte à sua formação integral (GONZALES-MENA, 2015).

Nessa perspectiva metodológica, os espaços de aprendizagens devem ser planejados para a criança, de acordo com suas características e demandas, permitindo movimentos e manifestações livres, desenvolvendo sua independência e iniciativa pessoal, compreendendo e respeitando sua individualidade e progresso. Montessori (1965), afirma que entre os 0 e 6 anos a mente da criança absorve os conhecimentos de acordo com o seu entorno de forma natural e intuitiva, o que deve conduzir à compreensão de que a criança aprende por si, autonomamente, possuindo seu próprio ritmo; especialmente quando se torna parte de um ambiente propício ao aprendizado e acolhedor de suas necessidades. Daí a importância de se tornar o ambiente o mais interessante e atraente possível.

No ambiente preparado, os materiais e objetos têm o intuito de desenvolver e atender às necessidades de desenvolvimento de cada criança por meio de ações relativas ao desempenho da liberdade e autonomia para escolher e pegar o que ela deseja no momento. No ambiente preparado os materiais expostos na altura da criança devem conter recursos para atividades de vida prática, materiais sensoriais de desenvolvimento e materiais para a aquisição de cultura.

Dado o exposto e o contexto teórico-metodológico em análise, o espaço físico oferecido nos processos de ensino e aprendizagem é um ato pedagógico que deve ser formulado para a criança de acordo com cada faixa etária, oferecendo liberdade de movimentos, segurança e principalmente socialização entre a criança e o meio, a criança e a criança e a criança e o adulto. A infância é o período em que a criança inicia suas percepções sobre o mundo e suas potencialidades, sua personalidade e identidade, isso jamais pode ser desconsiderado.

A educação infantil é, portanto, uma etapa extremamente relevante para o desenvolvimento das crianças, de modo que todo o trabalho pedagógico realizado nesse momento deve auxiliar na formação global da criança. Espaços neutros ou com excesso de informações podem inibir a concentração e o aprendizado. Por tais razões, o espaço físico de aprendizagem deve observar o local em sua integralidade, identificar os distratores e ressaltar as informações mais relevantes para a criança no contexto de cada faixa etária e de cada fonte de interesse. Com isso evita-se o acúmulo de informações a partir de um espaço versátil que não só atenda às

demandas de cada criança, mas que também, promova sua aprendizagem e desenvolvimento. (PEREIRA, 2017).

2. CONCEPÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A etapa da educação infantil, cada vez mais, tem sua representatividade expressa e comprovada no meio pedagógico, ganhando ainda mais destaque e importância. Sabe-se que nessa etapa da escolarização básica, a articulação entre vários elementos de desenvolvimento e aprendizagem é necessária para que se alcance os objetivos inerentes a cada faixa etária. Dentre os fatores que influenciam esse desenvolvimento encontram-se os espaços escolares, pois o ambiente em que a criança circula, constrói e aprende deve ser intencionalmente preparado para que possa se desenvolver a partir de princípios de liberdade e autonomia que garantam seu amplo acesso e protagonismo.

O ambiente escolar elaborado levando em conta esses preceitos, é composto por núcleos compostos por símbolos e signos próprios, capazes de promover a aprendizagem em todas as circunstâncias e locais da escola, seja no parque, banheiros, pátio, refeitório, quadra ou qualquer outro. O conhecimento não se restringe ao ambiente da sala de aula, por isso se faz tão importante a compreensão de que todos os espaços escolares importam e são parte do processo de desenvolvimento infantil. (RIBEIRO, 2004).

Além do papel de promover o acesso aos conteúdos curriculares, a escola possui também função socializadora, de promoção da formação holística, por ser o local em que o indivíduo vivencia grande parte de suas experiências e inicia sua trajetória como um ser ativo e social, traçando sua formação pessoal. Portanto, o foco na organização escolar deve voltar-se para proporcionar aos alunos meios de boa convivência entre as pessoas, etnias, religiões, culturas etc., resolvendo conflitos e adquirindo novas aprendizagens. De acordo com o Referencial Nacional Curricular da Educação Infantil,

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de

agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima. A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente (BRASIL, 1998, Vol 1. Pg 31)

Sendo assim, o princípio da intencionalidade pedagógica, aqui compreendido como a ação consciente, planejada e executada pelo educador com finalidades pedagógicas minuciosamente estabelecidas, deve ser um marco presente na elaboração e fruição de todos os ambientes escolares, pois conforme mencionado, a criança está constantemente aprendendo acerca de todos os aspectos que a permeia, isto é, seu processo de ensino-aprendizagem perpassa os espaços da escola tornando-os parte indissociável do processo de desenvolvimento infantil e como tal, componente integrador de planos e planejamentos pedagógicos.

Para tanto, o espaço deve ser compreendido no contexto de cada faixa etária escolar, analisando-se meios e conteúdos que estejam condizentes com os elementos que os compõem e que sejam significativos para as crianças. Propor um ambiente desafiador e interativo significa oportunizar à cada uma delas, sentimentos de acolhimento e de estímulo à livre movimentação, questionamento, organização, brincadeiras e interação tanto com as demais pessoas presentes quanto com os demais elementos disponibilizados no meio em que se encontra.

Ao se valorizar a identidade infantil e oportunizar seu reconhecimento pessoal, a criança passa a perceber o mundo em que se insere, tomando nota não apenas de sua individualidade, gostos e preferências, mas de sua condição de parte ativa e presente na construção de suas vivências coletivas. Sendo assim, o ambiente escolar deve estar organizado para que a criança domine suas habilidades e se torne um ser autônomo, pois é nesse momento que terá a oportunidade de auto superação rumo à formação integral em que é sujeito e objeto de sua própria aprendizagem (MONTESSORI, 1965).

Proporcionar o crescimento da criança é, dessa forma, relacionar o seu desenvolvimento cognitivo, social e motor aos movimentos corporais e a estimulação dos sentidos sem perder de vista os efeitos gerados pelo espaço em que cada prática ocorre. Isso significa dizer que, ao oferecer um ambiente em que a criança tenha suas liberdades garantidas, propicia-se a construção de seres ativos, capazes de aprender de forma independente e de dominar seu corpo e ações. Esse contexto organizacional

pedagógico é, portanto, o que produz a possibilidade de desenvolvimento na educação infantil e por conta dessa perspectiva desenvolvimentista é que Montessori (1965) elegeu como prioridade no processo formativo, os anos iniciais da infância.

A primeira infância ocorre de 0 aos 6 anos de idade, e é marcada pela forte influência que a criança possui pelas experiências vividas e pelo ambiente que a cerca. Dessa forma o desenvolvimento infantil, na primeira infância acontece, de acordo com o método Montessori, a partir do princípio de que a criança através de um ambiente estimulador, tem a capacidade de aprender espontaneamente. Montessori (1965) defendia que na primeira infância era fundamental trabalhar com atividades e meios que abordassem o movimento e o toque, alegando que o intelecto nesse momento, se desenvolve pelas mãos.

É essencial que em todos os momentos de aprendizagem, o espaço ofereça a sensação de segurança e confiança para que a criança se sinta confortável para realizar suas buscas e explorações. Promover oportunidades tanto para o contato social quanto para momentos de privacidade, é planejar o ambiente e os objetos de tal forma que ofereçam oportunidades de socialização e de (auto) conhecimento e expressão de seus sentimentos e individualidade. Tendo esses aspectos como pauta da organização do espaço é possível promover de maneira ampla a formação integral da criança por meio, não apenas do trabalho de desenvolvimento de conteúdos, mas do ambiente físico escolar como elemento que compõe o contexto formativo.

A metodologia proposta por Montessori (1965) apoia-se em seis pilares para a evolução da criança, sendo eles, a autoeducação, a educação como ciência, a educação cósmica, o ambiente preparado, o adulto preparado e a criança equilibrada. O enfoque para o espaço escolar baseia-se, principalmente, em três desses eixos, quais sejam, autoeducação, ambiente preparado e adulto preparado. De acordo com a filosofia montessoriana, a educação abrange uma cooperação entre o professor (mediador), o ambiente preparado e os objetos que os compõe, sendo por meio desses fatores que a criança amplia sua independência e autonomia pela autoeducação.

Portanto, no contexto das teorias montessorianas, o educador confia nas capacidades da criança e através da observação, avalia o que é preciso que tenha no ambiente para que a criança seja auxiliada e estimulada a se autoeducar a partir da construção da noção de que é um ser pensante e ativo, usufruindo de sua liberdade para brincar com o brinquedo desejado, aprender com o objeto se seu interesse,

interagir com o elemento que lhe cativa em cada atividade e no espaço temático que lhe agrada. Assim como afirma Montessori (1987):

Deste conjunto de fatos resulta que o adulto deve procurar interpretar as necessidades da criança, a fim de acompanhá-la e assisti-la com seus cuidados, preparando-lhe um ambiente adequado. Só assim é possível dar início a uma nova era na educação: a do auxílio à vida. E só assim poderá, afinal, encerrar-se a época em que os adultos consideravam a criança pequena um objeto que se apanhava e transportava para qualquer lugar e que, depois de crescida, devia apenas obedecer e seguir os adultos. É necessário que o adulto se convença a manter-se numa posição secundária e se esforce para compreender a criança, no intuito de tornar-se seu companheiro e auxiliar-lhe a vida (p.87).

Para isso, o ambiente preparado deve ser composto para a criança, ou seja, ser pensado de forma que todos os elementos importantes para o desenvolvimento infantil sejam acessíveis de modo que a criança tenha a iniciativa e independência para realizar suas atividades, é preciso enxergar a criança e respeitá-la como tal. É sobre o ambiente, portanto, que se torna necessário agir para que as múltiplas manifestações infantis possam fruir livremente, culminando em situações de criação, expansão e formação. (MONTESSORI, 1987).

3. O PAPEL DO PROFESSOR NA PROMOÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES: EXPERIÊNCIAS DOCENTES

Como forma de se corroborar o arcabouço teórico analisado, buscou-se analisar as representações docentes acerca dos espaços escolares e suas relações com o desenvolvimento da criança investigando-se os sentidos e significados atribuídos a esses elementos pelos professores em suas práticas docentes. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo partiu de uma abordagem qualitativa e para a qual, resumidamente, utilizou-se de estudo bibliográfico do tema escolhido a partir da categorização dos assuntos e de entrevistas gravadas e semiestruturadas⁴ (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

Os sujeitos investigados foram categorizados e selecionados de acordo com o campo de seu exercício profissional (escolas públicas municipais) e faixa etária de atuação (educação infantil). Desse modo, a pesquisa foi realizada com duas

⁴ Importante destacar que o presente estudo fora previamente submetido ao respectivo Comitê de Ética e Pesquisa recebendo a devida aprovação para realização dos procedimentos metodológicos relatados.

professoras efetivas na rede pública municipal de Bebedouro, localizada no interior do Estado de São Paulo. O roteiro de entrevista proposto foi previamente elaborado e referiu-se às suas formações, atuações profissionais e percepções sobre as funções e relevância dos espaços escolares para o desenvolvimento infantil de acordo com suas vivências diárias⁵.

As entrevistas se iniciaram pelo questionamento sobre os dados pessoais e profissionais das entrevistadas, de onde se extrai que todas possuem curso superior e já exercem suas profissões há mais de cinco anos. Em seguida, foram questionadas a respeito das razões que as levaram a escolher a profissão docente e sobre isso, suas manifestações foram parecidas: o amor pelo ato de ensinar e a satisfação em colher os frutos do trabalho pedagógico realizado a partir da constatação do avanço da criança no processo de ensino e aprendizagem foram ressaltados de maneira uníssona.

Acerca do assunto central da pesquisa ora realizada, as entrevistadas foram indagadas a respeito dos espaços escolares e, sobre isso, as respostas se mostraram bastante peculiares. A professora A asseverou que o espaço escolar é fundamental no desenvolvimento da criança, pois considera que a articulação entre a participação ativa das crianças em sua construção e a atividade mediadora docente são componentes que circulam pelo contexto espacial e que se revelam como necessários ao bom desempenho infantil.

Os espaços devem ser preparados dentro do contexto da Educação Infantil para as crianças e com as crianças e, claro, com a mediação do educador, tendo como objetivo que a criança vá construindo sua autonomia e desenvolvendo seu conhecimento (Professora A).

No mesmo sentido, a professora B aduz que os espaços escolares são fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem da criança não apenas no que diz respeito à evolução que pode ocasionar para a própria criança, mas também, no que diz respeito à possibilidade de evolução do educador, ao se servir dos elementos espaciais para ressignificar e reestruturar as suas estratégias em prol do desenvolvimento infantil mencionado. Segundo a entrevistada, para além de elemento dos processos de ensino e aprendizagem, os espaços escolares utilizados e

⁵ Os nomes dos sujeitos investigados e respectivas instituições foram omitidos como forma de se garantir o sigilo científico necessário à segurança dos participantes e das pesquisadoras, de modo que os entrevistados foram identificados por letras do alfabeto, A e B.

estruturados pelo professor, podem revelar as “concepções de ensino” que caracterizam as suas práticas em especial, no que se refere à atenção que dispensa a esse fator como parte do percurso formativo.

A respeito de como devem ser organizados os espaços escolares na educação infantil, a professora A compreende que tal organização deve ocorrer preferencialmente com a participação ativa das crianças para que se sintam parte dele, responsáveis, acolhidas. Com essa postura, para além de promover o sentimento de pertencimento, o professor proporciona a possibilidade de que as crianças se comportem ativamente em seu processo de conhecimento pela promoção de sua identidade, autonomia, segurança e independência. Da mesma forma, a professora B observa que o espaço escolar é fruto da articulação de múltiplos fatores também direcionados ao fortalecimento da identidade infantil:

Ele (o espaço) pode promover a identidade da criança porque pelo espaço físico os professores podem personalizar, podem colocar o nome da criança nos cabideiros onde a criança vai guardar os seus pertences pessoais, nas canecas onde as crianças vão tomar água, os crachás, é... vão organizar varais com exposições ou murais dos trabalhos das crianças, tudo isso promove a identidade da criança, ela vai se encontrar nesse espaço (Professora B).

Note-se que, de acordo com a concepção em questão, o espaço escolar tem efeitos que transcendem a preocupação com a simples apropriação de conteúdos curriculares, adentrando para o campo da formação integral da criança. Os relatos indicam que o espaço utilizado pelas crianças para vivenciarem seus processos de ensino e aprendizagem, tornam-se indispensáveis não apenas para que a criança aprenda as questões referente aos saberes escolares sistematizados, mas também, a tudo mais que compoñha o universo formativo da criança (emoções, cidadania, ética, moral, etc).

Nesse aspecto, tanto a professora A quanto a professora B, referem que o espaço físico deve ser planejado com olhares que se voltem para as demandas da criança de cada faixa etária, para que assim ela possa ter a oportunidade de desenvolver-se em sua integralidade em um ambiente seguro, confortável e que transpasse confiança, possibilitando meios para que realize movimentos corporais diversos, amplie suas habilidades motoras e sensoriais, possa se comunicar de várias maneiras (e por meio de múltiplas linguagens) e manifeste sua individualidade com liberdade e desinibição.

Além disso espaço físico também tem que ter instalações e equipamentos adequados ao tamanho da criança, crianças pequenas precisam de mobiliários pequenos no seu campo de visão, na sua altura para que ela possa desenvolver sua autonomia, pegar seus pertences e guarda-los, pegar os brinquedos colocar no lugar, poder olhar um quadro, poder se olhar no espelho e ver seu próprio corpo, sua imagem corporal, então... as mesas e cadeiras também devem ser pequenas e adequadas para que ela possa, é... se sentir segura e confortável (Professora B).

Os dados coletados destacaram também, a ampla capacidade formativa que um espaço escolar bem estruturado pode representar. Para tanto, algumas condicionantes foram destacadas, como por exemplo, a necessidade do envolvimento da criança em sua elaboração, a atividade mediadora docente e a compreensão dos espaços como parte elementar dos currículos e planejamentos. Segundo as entrevistadas, cumpridas essas condições, os espaços devem “promover oportunidades”⁶ que conduzem a criança a um percurso educativo completo, adequados às suas demandas e significativo em seus mais diversos aspectos (DELCHIARO, 2017).

Em seguida, questionou-se sobre se os espaços escolares onde acontecem as atividades pedagógicas na educação infantil são relevantes para o desenvolvimento da criança. Acerca do assunto, a professora A, enfatizou que o espaço revela a maneira como o ensino é concebido e praticado tanto no campo institucional quanto no docente. De acordo com os relatos analisados, os espaços escolares podem ser organizados para oferecer a possibilidade de descobertas, explorações, movimentos, interações entre outros meios para o desenvolvimento integral da criança que, sem a adequada estruturação espacial, talvez não fossem alcançados.

Os espaços proporcionam as crianças autonomia de escolhas, interação e assim possibilitando o desenvolvimento da sua aprendizagem, pois são esses momentos que proporciona a ela criar, recriar, brincar e interagir com o outro (Professora A).

Apesar de constantemente se observar nos dados analisados, manifestações positivas sobre o papel dos espaços escolares na formação da criança na educação infantil, a professora B menciona um aspecto que merece destaque, pontuando que, na ausência das devidas cautelas, esses aspectos positivos que circundam a participação do espaço na formação da criança, podem converter-se em situações

⁶ Expressão utilizada pela professora B ao tratar sobre as suas concepções sobre o espaço escolar e sua organização.

prejudiciais a esse processo, reverberando diretamente nas condutas e evolução da criança. Segundo a professora em menção, se o espaço não for estruturado com vistas à oportunização de um campo de amplo e livre desenvolvimento e sob os mais diversos elementos da constituição infantil, pode se tornar um ambiente opressor em que a criança se depare com importantes obstáculos ao aflorar de suas potencialidades.

Então ele pode ser um espaço que propicia descobertas, exploração, o movimento, as interações, as possibilidades, né? Infinitas possibilidades da criança desenvolver sua autonomia, sua identidade, ou pode ser um espaço ao contrário disso um espaço opressor! Um espaço limitador que não permite que a criança tome decisões, que a criança realize ações por si própria, que ela dependa o tempo todo do adulto, então por exemplo, um espaço onde a criança é... não consegue alcançar os objetos, não consegue alcançar os brinquedos e os seus pertences, tudo fica longe do alcance da criança, ela vai depender o tempo todo do adulto, então o espaço ele ajuda a criança desenvolver essa autonomia, claro que sempre sob a supervisão do adulto que vai orientar, que vai ajudar, mas o principal protagonista, é a criança (Professora B).

Observe-se que, de acordo com o relato acima e em concordância com as percepções da professora A, o adulto deve ser um orientador proporcionando o desenvolvimento de suas aprendizagens como fruto de suas construções, (re)criações, imaginação, brincadeiras e, principalmente, interações, que também podem ser estimuladas pelo espaço de aprendizagem proporcionado.

Em relação a importância do papel do professor na organização desses espaços na educação infantil, a professora A considera importante que a sua organização seja pauta de capacitação para professores, pois é preciso estudo aprofundado e conhecimento sobre o tema justamente por se tratar de um tema essencial na vida docente com efeitos diretos e importantes na formação do aluno. Da mesma forma, a professora B complementa que o papel do professor é essencial no planejamento do espaço, pois é por meio dele que será possível oferecer uma ampla possibilidade de que a criança possa desenvolver suas potencialidades e habilidades pelas vias da mediação docente (RIBEIRO, 2004).

Dado o exposto, é possível inferir que o espaço físico na educação infantil é um elemento indispensável para o desenvolvimento físico, cognitivo e motor da criança, além disso, proporciona a interação e socialização, permitindo que a criança amplie seu repertório e conhecimentos. Entretanto, isso somente se torna possível quando o espaço é articulado e planejado com vistas a essas perspectivas formativas, devendo

sempre estar em pauta entre os professores e gestores, auxiliando na prática docente e no dia-a-dia da criança em prol de sua formação completa (MONTESSORI, 1987).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo trouxe à baila a possibilidade da reflexão sobre os impactos gerados pela organização do espaço escolar no desenvolvimento pleno da criança. Das teorias estudadas e relatos analisados, é notável que o planejamento do ambiente de aprendizagem deve compor os elementos que são parte dos projetos e planejamentos das instituições escolares, dos professores e dos gestores, visando a efetivação da intencionalidade pedagógica direcionada à promoção de espaços adequados para o ensino e aprendizagem das crianças.

Desse modo, pensar no espaço físico é oportunizar meios para que a criança não se limite ao ambiente em que está inserida em decorrência de relações de dependência que estabelece com os adultos. Esses meios devem auxiliar na construção da identidade e autonomia da criança, possibilitando experiências de socialização e exploração de seus múltiplos sentidos em prol do desenvolvimento infantil em sua completude, superando modelos pedagógicos tradicionalistas que se limitam à ampla formação cognitiva da criança como se fosse esta, sua única potencialidade.

É importante ressaltar que a fase da primeira infância que ocorre entre 0 a 6 anos de idade, é fundamental para a definição de aspectos cognitivos, afetivos, motores e sociais da criança, de modo que a estimulação (inclusive aquela oriunda das influências geradas por um espaço de aprendizagem bem estruturado e pedagogicamente articulado), nesse período, colabora para o desenvolvimento na faixa etária vigente e também, constitui sólidas bases necessárias a que a formação flua de maneira bem sucedida também nas faixas etárias futuras.

A esse respeito, os pilares educacionais apresentados pela teoria montessoriana abordam eixos indispensáveis para a compreensão da correta composição do ambiente escolar, baseando-se principalmente nas concepções da autoeducação, ambiente preparado e adulto preparado. Esses pilares garantem a formação completa da criança sob a perspectiva montessoriana, preconizando, portanto, o espaço como instrumento basilar de formação infantil.

Cumprir, também, o relevante papel assumido pela figura docente nesse processo formativo, posto que a viabilização de espaços de aprendizagem pedagogicamente bem constituídos, dependem de que sua atuação, ou seja, dependem das ações pedagógicas que venha a desempenhar no sentido do planejamento dos espaços em menção. Para que se alcance as metas e objetivos traçados para o processo de ensino e aprendizagem de cada criança sob a perspectiva da formação infantil integral e ativa, cujas concepções ora se defende, é fundamental que a atuação docente em menção seja caracterizada por posturas mediadoras, orientadoras e livres de excessos e rigorismos que obstaculizam a evolução da criança, o que pode, inclusive, ser observado na elaboração dos espaços escolares caso não sejam direcionados ao amplo desenvolvimento.

O espaço físico não deve, por fim, representar uma fórmula pronta e engessada, impossibilitada de adequar-se a novas demandas e situações. Pelo contrário. Deve estar passível às novas oportunidades e circunstâncias para manter um ambiente agradável, estimulador e propício à ampliação da gama formativa infantil, voltando-se, para tanto, às necessidades das crianças de cada faixa etária, cultura, vivência social, interesses e preferências, o que somente se efetiva quando a valorização da infância e o protagonismo infantil tornam-se a centralidade do exercício profissional docente.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. **Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares**. In: OLIVEIRA, Zilma Morais. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DELCHIARO, Eliana Chiavone *et al.* **A Psicologia do Desenvolvimento na Educação Infantil**. REAe - Revista de Estudos Aplicados em Educação, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 64-83, jul./dez. 2017.

GONZALES-MENA, Janet. **Fundamentos da educação infantil**: Ensinando crianças em uma sociedade diversificada. 6. ed. Porto Alegre: Priscila Zigunovas, 2015. 430 p.

KOWALTOWSKI, Doris C.C.K.; MOREIRA, Daniel de Carvalho; DELIBERADOR, Marcella S. O Programa Arquitetônico no Processo de Projeto: Discutindo a Arquitetura Escolar, respeitando o olhar do usuário, in: **Projetos Complexos e os Impactos na Cidade e na Paisagem**, org.: Mônica Santos Salgado & Paulo Afonso Rheingantz, Editora da UFRJ, Rio de Janeiro, 2012, pp. 160 – 185, ISBN 978-85-88341-44-9.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EOU, 1986.

MONTESSORI, Maria. **A criança**. 4. ed. Brasil: Círculo do Livro, 1989. 244 p.

_____. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987. 316 p

_____. **Pedagogia científica**: A descoberta da criança. São Paulo: Flamboyant, 1965. 328 p.

PEREIRA, Renata Karolynne Galvão. **Ambientes de ensino e crianças com tdah: contribuições ergonômicas em um estudo de caso**. 2017. 75 f. Monografia (Especialização) - Curso de Design, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2017.

RIBEIRO, Solange Lucas. **Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo**. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004.